

PROSTITUIÇÃO EM TELA: O USO DO GRINDR PARA COMERCIALIZAÇÃO DO CORPO EM MACEIÓ/AL

Patricio de Albuquerque Vieira

Instituto Federal de Alagoas – Campus Murici

patricioavieira@hotmail.com

Resumo: Compreendemos que a prostituição é a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos/as parceiros/as e de experiências sexuais diversas. Na ciberprostituição, os usuários de *sites* e aplicativos podem combinar antecipadamente as regras, o preço e as atividades sexuais a serem realizadas durante a “curtição”. Utilizando o espaço virtual, o michê pode vender seu produto – o sexo – enviando ao cliente fotos, vídeos e áudios, visto que a internet facilita as negociações entre o vendedor e o comprador e ainda os mantêm no anonimato, por isso tornou-se uma ferramenta bastante utilizada no mundo da prostituição. Com o surgimento dos *tablets* e *smartphones*, vários usuários negociam encontros sexuais com prostitutas através dos diversos aplicativos de pegação. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca da prostituição de homens que comercializam o sexo na cidade de Maceió/AL, destacando as artimanhas, as estratégias e os recursos utilizados por eles no aplicativo Grindr, a fim de despertar a atenção dos clientes virtuais. Para tal, fundamentamos as nossas reflexões nos aportes teóricos de Bonfante (2016), Fábregas-Martinez (2000), Pereira (1976), Perlongher (1987), entre outros.

Palavras-chave: Aplicativo, Ciberprostituição, Grindr, Michê, Maceió/AL.

Introdução

*Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis
filosóficas, supostamente imutáveis, não escapa à historia.
(Sant’Anna, 2000)*

Recorrente na literatura universal, a prostituição é uma temática complexa e abrangente, com nuances e conceitos que variam no tempo e no espaço. Sempre atual, o tema desperta a curiosidade e o fascínio por parte de estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, como historiadores, psicólogos, filósofos, entre outros, principalmente pelo fato de ter contribuído para a organização e a compreensão da sociedade, da lógica da cidade e da construção de sociabilidades que envolvem a humanidade.

No Brasil, a prostituição não se configura como crime, mas sim o lenocínio, isto é, o favorecimento ou indução do meretrício, sendo levado à punição conforme a Constituição Federal de 1998 (art. 228). Apesar disto, tal prática ainda é vista como escória ou chaga social. Muitos são os preconceitos existentes em torno do ofício, devido ao machismo,

patriarcalismo e moralismo que condenam as pessoas que comercializam o corpo a um tratamento político e social incompatíveis com a dignidade humana.

Compreendemos a prostituição como a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos/as parceiros/as e de experiências sexuais diversas. Do ponto de vista econômico, “o ato prostitucional não passa de uma prestação de serviços, moldada na fórmula usual de compra e venda” (PEREIRA, 1976, p. 37); consiste, assim, numa negociação entre o/ vendedor/a (a prostituta/o prostituto) e o/a comprador/a (o/a cliente) que negociam o produto (o sexo). Por sua vez, Fábregas-Martínez (2000, p. 15) explicita que a prostituição também é entendida como “um fenômeno social permeado e construído pelas representações sociais”.

Nesse contexto, pensar o lugar da prostituição na sociedade contemporânea tem sido preocupação constante de estudiosos e, em particular, de movimentos organizados de prostitutas que lutam pelo reconhecimento do meretrício como uma profissão a ser respeitada, protegida e legitimada social e legalmente, conferindo todos os direitos trabalhistas às mulheres e aos homens que sobrevivem dessa instituição por escolha ou por falta de oportunidades, principalmente porque, longe de ser extinta, a prática prostituinte registra o aumento significativo de pessoas que “abraçam” a ideia de comercializar o sexo.

De acordo com Rago (2008, p. 14), a prostituição pode ser compreendida como um fenômeno tipicamente urbano que atrai homens em busca do prazer, tornando-se “um efeito, produto de um meio que beneficia a muitos setores envolvidos, especialmente os homens, que, aliás, jamais foram objetos de problematização ou de ataques quando se tratou dessa experiência”. Na corrida pela busca do prazer, é preciso considerar que as mulheres não são as únicas procuradas pelos homens, haja vista que o corpo masculino também é desejado por muitos homens, os quais, em seus momentos íntimos, negociam e assumem entre eles a posição de ativo (aquele que penetra), passivo (o que se deixa ser penetrado) ou “versátil” (ativo e passivo ao mesmo tempo).

Atualmente, o mercado do sexo oferece aos seus clientes uma maior liberdade de práticas homoeróticas masculinas e a oportunidade de experiências e trocas sexuais entre rapazes. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca da prostituição de homens que comercializam o sexo na cidade de Maceió/AL, destacando as artimanhas, as estratégias e os recursos por eles utilizados no aplicativo Grindr, a fim de despertar a atenção dos clientes virtuais. Para tanto, dividimos este artigo em três

partes, a saber: 1. O michê e a ciberprostituição; 2. Notas sobre o aplicativo *Grindr*; e 3. *O Grindr e as artimanhas dos michês de Maceió/AL*.

O michê e a ciberprostituição

A prostituição masculina não é uma atividade sexual recente. Segundo Santos (2014), a Grécia Antiga apresentava grande quantidade de prostitutas que satisfaziam não somente os desejos sexuais de mulheres, mas também estavam a serviço de uma clientela masculina que buscavam práticas homossexuais. Nesse espaço, a prostituição não era clandestina, por isto tornou-se uma prática da vida cotidiana, uma vez que mulheres e rapazes jovens prostituíam-se para uma freguesia significativamente formada por homens.

Na sociedade contemporânea, a prostituição viril acontece nas ruas e boates, em saunas, cinemas pornô, banheiros públicos, bares, fliperamas, casas de massagem e via internet. Fábregas-Martinez (2000, p. 18) destaca que esses rapazes¹ “raramente identificam a prostituição como um trabalho”, entendendo-a como uma “atividade temporária, um bico até encontrar um emprego que lhes garanta um sustento”, visto que são mal remunerados e a prática prostituinte funciona como complementação de renda. Segundo Vicentini (2008, p. 15), com o intuito de garantir a própria sobrevivência, faz-se necessário o michê transpor alguns obstáculos, esquecer alguns valores e seguir as regras do grupo para adequar-se no universo da prostituição.

Perlongher (1987, p. 17) define o profissional do sexo masculino como *michê*, termo que, para o autor, apresenta dois sentidos:

Um alude ao ato mesmo de se prostituir, sejam quais forem os sujeitos desse contrato. Assim, *fazer michê* é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. Em alguns contextos – especialmente entre prostitutas e travestis – o termo pode ser aplicado também ao cliente.

Numa segunda acepção, o termo *michê* é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente. (Grifos do autor)

Em seu estudo sobre a prostituição viril, Perlongher (1987) destaca três tipos de michês, quais sejam, o *michê-macho*, o qual é representado por uma virilidade extremada; o

¹Além de michê, os homens que se prostituem também são identificados como “boy”, “prostituto”, “garoto de programa”, “menino de aluguel”, “acompanhante”, “massagista”, “gogoboy”, “cowboy”, “amante profissional”, “bicha boy”.

michê-gay, que assume a orientação sexual homossexual, utilizando-se da masculinidade para despertar a atenção dos clientes, embora a virilidade seja expressa de maneira menos “estridente”; e o *michê-bicha*, que possui orientação sexual homossexual com traços femininos, não apresentando tal virilidade. Cabe ressaltar que “a diferenciação entre *michê-macho* e *michê-bicha* é transparente, os limites entre *michês-bichas* e *michês-gays* são confusos, e às vezes até subjetivos. Os dois gêneros não-machos, por outra parte, são ostensivamente minoritários” (PERLONGHER, 1987, p. 128-129). Nesse caso, o *michê-bicha*, de porte frágil, não se confunde com os demais graças às suas características femininas e pelo fato de se relacionarem amigavelmente com travestis, dividindo muitas vezes o mesmo espaço de trabalho. A virilidade surge aqui como um forte atributo à imagem do *michê*, pois isto eleva a procura pela sua atividade sexual. Esta ideia pode ser confirmada nas palavras de Almeida (1986, p. 84), que destaca quatro variedades de *michês*: o *bicha* extremamente feminina, o jovem andrógino (geralmente adolescente loiro, alto e magro), o bissexual e o não entendido. Para ele, é possível observar que, no Brasil, a predominância é de *michês* bissexuais e “não entendidos” (pessoas que não têm e/ou não se percebem com a orientação sexual homossexual), visto que os homens com traços femininos não conseguem dinheiro no exercício da prostituição, contabilizando, assim, uma minoria no mercado do sexo.

Almeida (1986, p. 84) salienta ainda que o *michê* é “duplamente estigmatizado, pois pratica sexo pago e o sexo homossexual, ou seja, ele é um prostituto e transa com homossexuais”. Para o autor, existe uma relação tensionada entre o *michê* e o cliente, pois ambos são vistos de forma diferente. O *michê* é considerado pelo cliente como “sexo fácil, pago, descartável, um objeto a ser usado”, um homossexual “enrustido”, enquanto aos olhos do *michê* o cliente é desprezível, “um veado”, “um *bicha* escroto”, que dele pode ser retirado dinheiro e outros bens, sem muitos esforços.

Com o propósito de preservar mais a sua identidade e não se expor nas ruas, evitando a discriminação e a rejeição por parte de muitos transeuntes, o *michê* dispõe de recursos digitais para divulgar os seus serviços sexuais. Assim sendo, a ciberprostituição surge como uma modalidade relativamente recente e comumente é usada pelos prostitutos, independentemente do horário e local onde se encontram. Basta que estejam conectados à internet para anunciarem suas práticas sexuais, negociarem valores e agendarem os encontros. Existem milhares de *sites* que divulgam o trabalho desses homens, os quais podem ser encontrados ainda nas salas de bate-papo, interagindo com os participantes interessados em sexo pago.

Notas sobre o aplicativo Grindr

No ano de 2009, o israelense Joel Simkhaicriou o Grindr, uma rede geossocial direcionada aos homens gays, bissexuais e simpatizantes em estreita proximidade, com o intuito de estabelecer relações amorosas, casuais ou sexuais entre eles. Este aplicativo foi desenvolvido para *smartphones* e *tablets* com sistema iOS, Android e Blackberry, sendo disponível para *download* nas lojas virtuais Google Play e AppStore.



Imagem 1: Aplicativo Grindr

A palavra *Grindr* significa moedor. Neste aplicativo, as pessoas podem moer corpos, afetos, amor, sentimentos, isto é, podem misturar-se, à vontade, na teia dos desejos. De acordo com Simkhai (2012), o principal conceito de Grindr é oportunizar a interação e a gestão de vida social na palma da mão, favorecendo o encontro de rapazes no momento em que eles estão em movimento. Para ele, os encontros não se resumem necessariamente ao sexo rápido, podendo resultar em relacionamento estável e casamento.

O Grindr está disponível em duas versões: gratuita ou básica e paga ou Xtra. A primeira versão apresenta algumas restrições como, por exemplo, o número reduzido de perfis na tela do celular, enquanto a segunda proporciona aos seus assinantes diversas vantagens: visualização ilimitada de participantes, carregamento de até duzentos usuários, localização mais precisa, marcações de perfis favoritos e ausência de anúncios publicitários. Esse aplicativo utiliza o dispositivo de GPS (Global Positioning System), o que permite o

mapeamento de geolocalização dos participantes em rede, com os quais é possível conversar, trocar fotos e marcar encontros, já que a distância entre os usuários pode ser identificada.

Bonfante (2016) destaca o Grindr como aplicativo de pegação mais difundido mundialmente, seguido do Scruff e do Hornet. Inseridos numa grade de imagens, os usuários têm acesso a diversos perfis contendo informações sobre idade, altura, peso, etnia, porte físico, gênero, estado civil, posição sexual (ativo, passivo ou versátil), distância/localização, etnia, entre outras. No Grindr, os participantes podem apresentar: breve descrição pessoal, foto do perfil e informações sobre o vírus HIV (se é portador ou não) e o último mês de exame realizado para detectar ou não a presença desse vírus. Inbox, os usuários podem compartilhar/trocar fotos, gravar áudios, enviar a sua localização e mensagens acompanhadas de figurinhas diversificadas. Caso não tenha interesse em algum perfil, o usuário dispõe da opção “bloquear” para descartá-lo.

Enfim, considerando que o Grindr possibilita o sexo casual, garotos de programa exibem seus corpos e negociam o prazer. Desse modo, tal aplicativo tornou-se uma ferramenta útil e valorosa para a prostituição viril, permitindo que esta prática aconteça 24 horas por dia. Vale informar que o lucro depende do local frequentado pelos clientes, ou seja, para obter êxito na negociação, o prostituto precisa estar bem localizado, além de apresentar uma imagem corporal sadia em ambientes requintados, limpos e higienizados, pois assim será maior a procura pelos seus serviços sexuais.

O Grindr e as artimanhas dos michês de Maceió/AL

Neste item, refletiremos sobre as estratégias e os recursos utilizados pelos michês da capital alagoana no Grindr, a fim de comercializar o sexo. Mais precisamente, procuramos evidenciar as artimanhas realizadas pelos michês com o intuito de despertar a atenção dos clientes.

Na grade do aplicativo em questão, visualizamos imagens de homens com portes físicos variados (sarados, malhados, magros, gordos). Geralmente, eles evitam mostrar seus rostos, a fim de manter a discrição e o anonimato. Outros, mais ousados, exibem, além da face, fotografias de músculos torneados, pênis grandes e bumbuns malhados para despertar o interesse sexual dos usuários, “já que para muitos que estão ali, antes de qualquer entrosamento mais sério vêm a curtição, o bom sexo” (ALMEIDA, 2015, p. 29). Assim sendo,

a exposição de um corpo sadio e músculos definidos é uma das estratégias utilizadas pelos prostitutos para atrair o cliente:

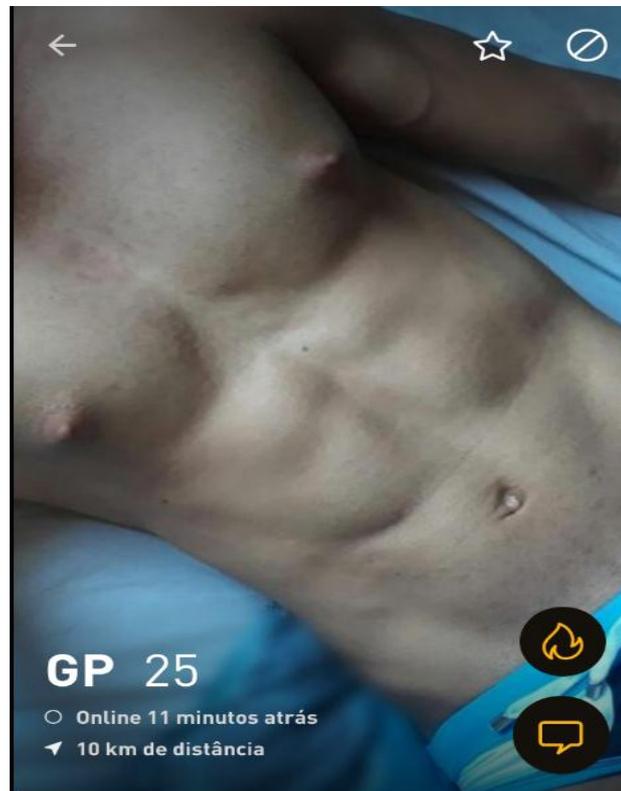


Imagem 2: Exposição do corpo prostituído

Nesta imagem, percebemos que o michê exibe um corpo magro e limpo. A barriga “tanquinho”, ou seja, malhada apresenta-se como um recurso convidativo ao sexo. A sunga é mais um detalhe que evidencia a sensualidade e a beleza do corpo cuidado em academias de ginástica. Desse modo,

o que é mostrado para aluguel e o que é pago não é simplesmente um corpo, mas um corpo marcado por insígnias que, convencionalmente, sinalizam a masculinidade: dorsos produzidos em academias de ginásticas remontando aos tipos gregos de outrora; posturas corporais típicas; gestos que retratam modos de ser supostamente viris, copiados de trabalhadores da construção civil, estivadores, militares, caminhoneiros, entre outros (FARIAS, 2013, p. 347).

Entendemos ainda que, aos olhos dos michês, a jovialidade é um aspecto que atrai o cliente e que, por esta razão, eles fazem questão de destacar a idade, conforme vemos na imagem a seguir:



Imagem 3: A jovialidade do michê

O michê em destaque nessa fotografia apresenta a idade, qual seja, 23 anos. Para enfatizar seu vigor, o rapaz utiliza o *nick*² Garotinho, expressão que indica pouca idade e, conseqüentemente, mais energia, disposição física para o sexo. Além disto, a imagem de uma coroa é usada para indicar que ele é o “príncipe” do sexo, coroa esta que se encontra ao lado do cifrão (\$), símbolo que faz referência ao dinheiro, indicando, assim, que Garotinho é, na verdade, garoto de programa e que adquirir dinheiro é o seu objetivo no aplicativo.

Outra maneira de chamar a atenção do cliente é enfatizar o tamanho do pênis. É o que faz o rapaz da imagem 4:

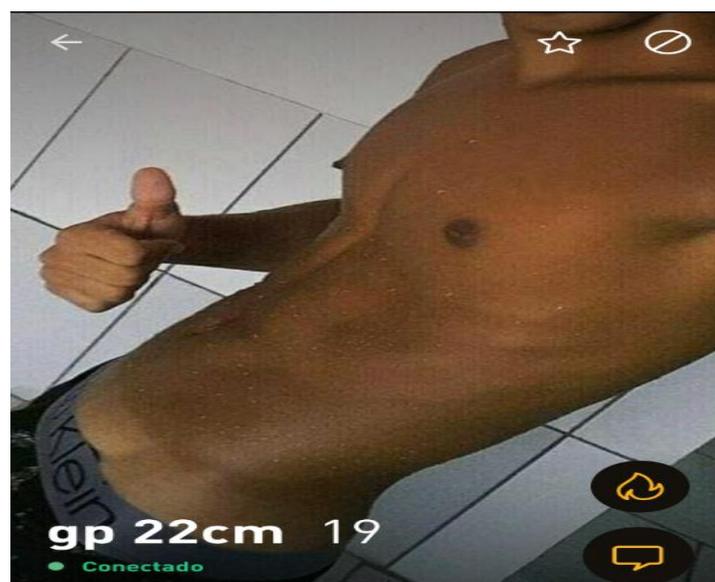


Imagem 4: O tamanho do dote como estratégia do GP para o sexo

² Abreviação de *nickname*, apelido utilizado pelos usuários de internet.

Além da pouca idade, fato que o michê exibe como ponto favorável ao seu trabalho, esse rapaz já se anuncia como garoto de programa (GP) para facilitar a comunicação com os usuários do Grindr. O tamanho do pênis – 22 centímetros – apresenta-se como o diferencial entre ele e os demais prostitutos. Nesse caso, o dote significativo do rapaz é evidenciado com o intuito de despertar a curiosidade dos clientes. O corpo esbelto e bronzeado também é exposto a fim de atrair aqueles que buscam o sexo pago.

Por fim, destacamos que a apresentação da espessura do pênis também é usada pelo michê como um recurso para conseguir clientes:



Imagem 5: Sobre a espessura do pênis como recurso para atrair clientes

Como vemos, na imagem 5 o rapaz exibe o corpo vestindo apenas cueca. Diante da concorrência no mercado do sexo, ele não destaca apenas a pouca idade (19 anos) e o tamanho do falo (18 centímetros), mas principalmente a espessura do seu pênis, fato demonstrado pelo adjetivo “grosso”, na tentativa de garantir mais prazer para quem o procura.

Além disto, esse último michê parece investir na adjetivação para seduzir os clientes, conforme vemos na descrição de seu perfil:

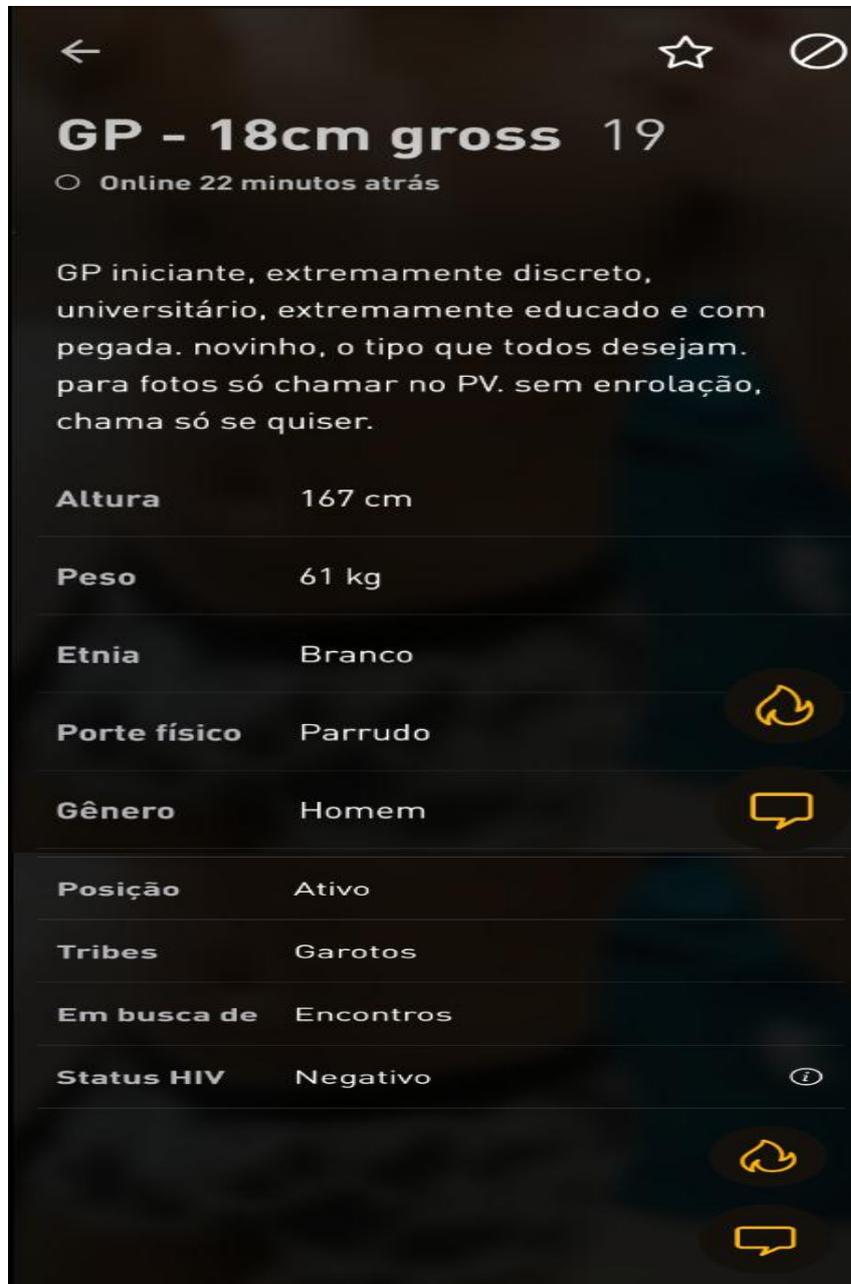


Imagem 6: Perfil de um michê

Entendemos que o emprego dos adjetivos “iniciante”, “discreto”, “educado”, “novinho”, “branco”, “ativo” contribuem, do ponto de vista do michê, para diferenciá-lo de outros garotos de programa, fazendo com que o cliente o escolha. Parece que ele deseja construir uma imagem de “bom acompanhante”, já que é discreto e possivelmente de boa aparência. Ou seja: diante da concorrência, quanto mais atributos o michê possuir, mais

chance ele terá de ser o selecionado para a curtição. Por fim, vale ressaltar ainda que os prostítuos das imagens 4 e 5 colocam o falo na centralidade da comercialização do sexo, utilizando-o como símbolo de masculinidade, poder e vigor, valorizando, assim, o preço do seu programa.

Considerações (quase) finais

A ciberprostituição caracteriza-se como uma modalidade relativamente recente e comumente utilizada pelos michês. Através da internet, os garotos de programa anunciam suas práticas sexuais, agendam encontros e negociam valores para seus programas utilizando o telefone celular. Há milhares de *sites* que divulgam o trabalho desses rapazes, os quais podem ser encontrados facilmente em aplicativos de pegação, dialogando com clientes interessados em seus serviços.

Neste trabalho, vimos que o Grindr é um exemplo de aplicativos utilizados por michês de Maceió/AL para a negociação de práticas eróticas. O número significativo de garotos de programa cadastrados nesse aplicativo revela sucesso deste, pois ao procurarem os serviços sexuais de prostítuos via internet, os clientes desejam sigilo e prazer. Os michês, por sua vez, têm a oportunidade de negociar o sexo com infinitos parceiros em diversos lugares, ampliando, assim, os lucros.

Finalmente, verificamos que as estratégias e os recursos utilizados pelos garotos de programa no Grindr são variados, a fim de seduzir o usuário e convencê-lo a pagar por uma boa curtição. Concluímos, então, que as fotografias do corpo malhado e sadio dos prostítuos funcionam como cartão de visitas para atrair a atenção do cliente e que possuir um pênis grande e grosso faz toda diferença na hora de escolher o michê a ser levado para a cama.

Referências

ALMEIDA, Sérgio Alves de. Prostituição masculina. *In.*: VITIELO, Nelson (org.). **Sexologia II-II**. São Paulo: Roca, 1986.

ALMEIDA, Stallony Platiny Raulino. “A fim de quê?” **Uma análise do aplicativo Grindr como ferramenta para a construção masculina gay**. Natal/RN: UFRN, 2015. (Monografia).

BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos nos aplicativos de pegação**: processos multissemióticos em performances íntimo-espetaculares de si. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estética, pedagogias e políticas do pós-moderno. Salvador: EDUFBA, 2012.

FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana Isabel. A identidade masculina entre os michês de Porto Alegre. In.: FREITAS, Karen Bruck, FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana Isabel, BENEDETTI, Marcos Renato. **Na batalha**: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000.

FARIAS, Francisco Ramos. Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo de garotos de programas. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 344-368, Jan/Jul, 2013.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, bordéis**: negociando identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, Armando. **Prostituição**: uma visão global. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SANTOS, Gabriela. **Prostituição masculina desde os primórdios**. Arquivo Prezi, 2014. Disponível em: <<https://prezi.com/xoycayojzual/prostituicao-masculina/>>. Acesso em: 21/10/2015.

SILVA, Rogério Araújo da. **Prostituição**: artes e manhas do ofício. Goiânia: Câne Editorial, Ed. UCG, 2006.

SIMKHAI, Joel. Grãos de Amor, entrevista. **Revista G Magazine**. Editora Fractal, Ano 13, Edição 173, Dezembro, 2012.

VICENTINI, Andresa Martins. **Um olhar sobre a prostituição masculina**. São Paulo: Scortecci, 2008.

VIEIRA, Patricio de Albuquerque. Sob a luz do abajur lilás cenas da prostituição e da exclusão social. In.: VIEIRA, P. de A. (org.). **Literatura, discurso e ensino**: cruzando caminhos. João Pessoa: Ideia, 2016.